**Escola Secundária Dr. Manuel Fernandes**

**Teste de Avaliação nº6**

**PortuguÊs – 12º Ano**

**2017/2018**

**GRUPO I (140 pontos)**

Lê, com atenção o seguinte poema.

**A**

**Perspetiva**

|  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- |
| 5 | Olho a sebe de versos que plantei Ao longo do caminho dos meus dias: Tristezas e alegrias Enlaçadas Como irmãs vegetais. Silvas e alecrim... O pior e o melhor que havia em mim, Num abraço de arbustos fraternais.  | 1015 | Nada quero mudar dessa harmoniaDe agruras e doçuras misturadas.Pasmo é de ver a estranha maravilha.Poeta que partilhaO coração magoadoPor presentes e opostas emoções,Contemplo, deslumbrado,O renque de vivências do passado,Longo poema sem contradições. |

Miguel Torga, *Câmara ardente* [1962], in *Poesia completa* – volume II, Lisboa,

Publicações Dom Quixote, 2007, p. 210.

1. Apresenta o tema geral do poema.

**O sujeito poético reflete sobre a sua poesia, as suas temáticas que vão do mau (as «silvas», v. 6) ao bom (o «alecrim», v. 6) referindo que tudo se interliga, é a junção destes contrastes que torna a sua vida, a sua poesia perfeita “Nada quero mudar dessa harmonia/De agruras e doçuras misturadas.” (v.9,10). Esta perfeição parece até deixar o poeta surpreendido “Pasmo é de ver a estranha maravilha.” (v.11).**

1. Interpreta o sentido do último verso do poema.

**O «Longo poema» é a obra poética do poeta, «sem contradições» porque os seus poemas apresentam uma mistura de «agruras e doçuras» (v. 10), isto é, caracterizam-se por uma sinceridade global.**

1. Identifica o primeiro recurso expressivo presente no poema e refere o seu valor literário.

**Trata-se de uma metáfora expressiva – «sebe de versos» – na medida em que numa sebe se encontra, tal como na poesia do autor, flores e espinhos. Neste poema, o poeta perece fazer uma retrospetiva do seu percurso poético, constatando que este reflete as várias perspetivas, as várias facetas da sua vida, naquilo que, com refere, “O pior e o melhor que havia em mim,” (v.7).**

**B**

Lê o seguinte excerto de *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, de José Saramago.

|  |  |
| --- | --- |
| 510152025 | Não volto aqui, dissera Lídia, e é ela quem neste momento bate à porta. Traz no bolso a chave da casa, mas não se serve dela, tem os seus melindres, disse que não voltaria, mal parecia agora meter a chave à porta como em casa sua, que nunca foi, hoje ainda menos, se esta palavra nunca admite redução, admitamo-la nós, que das palavras não conhecemos o último destino. […] Lídia tem os olhos vermelhos e inchados, talvez depois de grande luta com o seu nascente amor de mãe tenha acabado por resolver fazer o desmancho […]. Ela diz, Desculpe, senhor doutor, não tenho podido vir, mas quase sem transição emendou, Não foi por isso, pensei que já não lhe fazia falta, tornou a emendar, Sentia-me cansada desta vida, e tendo dito ficou à espera, pela primeira vez olhou de frente para Ricardo Reis, achou-o com um ar envelhecido, estará doente, Tens-me feito falta, disse ele, e calou-se, dissera tudo o que havia para dizer. […] Por que é que não te sentas, e depois, Conta-me o que se passa, então Lídia começa a chorar baixinho, É por causa do menino, pergunta ele, e ela acena que não, lança-lhe mesmo, em meio das lágrimas, um olhar repreensivo, finalmente desabafa, É por causa do meu irmão. […] É que, interrompeu-se para enxugar os olhos e assoar-se, é que os barcos vão revoltar-se, sair para o mar, Quem to disse, Foi o Daniel em grande segredo, mas eu não consigo guardar este peso para mim, tinha de desabafar com uma pessoa de confiança, pensei no senhor doutor, em quem mais havia de pensar, não tenho ninguém, a minha mãe não pode nem sonhar. Ricardo Reis espanta-se por não reconhecer em si nenhum sentimento, talvez isto é que seja o destino, sabermos o que vai acontecer, sabermos que não há nada que o possa evitar, e ficarmos quietos, olhando, como puros observadores do espetáculo do mundo, ao tempo que imaginamos que este será também o nosso último olhar, porque com o mesmo mundo acabaremos, Tens a certeza, perguntou, mas disse-o somente porque é costume dar a nossa cobardia ao destino essa última oportunidade de voltar atrás, de arrepender-se. Ela acenou que sim, chorosa, esperando pelas perguntas apropriadas, aquelas a que só podem ser dadas respostas diretas, se possível um sim ou um não, mas trata-se de proeza que está acima das humanas capacidades.José Saramago, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, Editorial Caminho, Alfragide, 1984, pp. 566-567. |

1. Comenta o relacionamento entre Ricardo Reis e Lídia, tendo em conta a globalidade do texto.

**Apesar de ter prometido a si própria que não regressaria a casa de Ricardo Reis, Lídia não resiste a vir desabafar com ele a situação complicada em que se encontra o seu irmão Daniel, «mas eu não consigo guardar este peso para mim, tinha de desabafar com uma pessoa de confiança, pensei no senhor doutor, em quem mais havia de pensar» (ll. 15-16). Ricardo Reis consola-a com palavras banais e ocas de sentimento («Ricardo Reis espanta-se por não reconhecer em si nenhum sentimento» (ll. 17-18); «Tens a certeza, perguntou, mas disse-o somente porque é costume dar a nossa cobardia ao destino essa última oportunidade de voltar atrás» (ll. 22-23). Podemos concluir que não há reciprocidade na relação amorosa: Lídia é sincera e espera o carinho de Reis, porém este mostra-se incapaz de corresponder verdadeiramente a essas expectativas.**

1. Considerando o perfil de Ricardo Reis, clarifica o significado de «puros observadores do espetáculo do mundo» (ll.20-21).

**Ricardo Reis limita-se a presenciar o mundo que o rodeia, não intervindo no curso dos acontecimentos. Aceita os factos como eles são e resigna-se perante o destino reservado ao mundo, dado que um dia esse mundo acabará e nós com ele - «isto é que seja o destino, sabermos o que vai acontecer, sabermos que não há nada que o possa evitar, e ficarmos quietos, olhando, como puros observadores do espetáculo do mundo, ao tempo que imaginamos que este será também o nosso último olhar, porque com o mesmo mundo acabaremos» (ll. 18- 21).**

**GRUPO II (60 pontos)**

O bem-estar físico e psicológico de cada um de nós passa por locais, terras ou paisagens que apreciamos particularmente, aquilo que se chama a nossa «geografia sentimental».

Redige um texto de opinião, no qual comproves esta perspetiva, apresentando, pelo menos, dois argumentos e respetivos exemplos.

O teu texto deve ter entre 200 e 300 palavras e deve estruturar-se em três partes lógicas.